

ANTÓNIO CRUZ

AÇAFATE
DE
FLOREMAS

1971



PRETO: «SER OU NÃO SER»...

De modo sincero, gostaria que — depois da leitura do desabafo contido nas páginas que ides ler, — aquelas em que falo das pessoas como eu, genérica e discutivelmente designadas por «pessoas de cor» — a seguir, ou mais depressa nascesse em muitos de vós (já que não me refiro a todos — o desejo de amardes o «preto próximo» como a vós mesmos.

— Oxalá!

Não sei se seria franco dizendo que não queria ser branco se algum remédio houvesse alguma possibilidade eu tivesse de deixar de ser castanho já que preto, um preto estranho não sou; mas pertença à casta do negro — um homem que sê-lo não basta...

E digo não basta, com certa convicção, embora ache incompreensível a razão porque ao negro, ao preto, ao mulato — se bem que em sentido abstracto — não baste ser homem ou mulher, para ser idêntico a qualquer; não, eles têm algo de mais ou de menos são escuros, ou trágicamente morenos!

Ah! Trágico, é exacto, é adequado parece-me um termo bem achado para qualificar um tom de pele

causa do amargo de fel bebido à força, tragado sem pestanejar por todo o bicho-homem que teve o azar de não nascer branco mas preto ou assim castanho, como me sucedeu a mim!!!

Repito que não sei se seria franco se afirmasse: — não quero ser branco! Vou mais longe, não seria verdadeiro se negasse não desejar ser o primeiro preto a querer mudar de cor e libertar-me dessa espécie de dor que não mata embora cause sofrimento mas dói porque é um autêntico tormento!

Palavra de honra que cansa e aborrece esse estigma que ora se lembra ora se esquece essa marca, essa total cicatriz é, por vezes, um estado de alma infeliz — Como direi? É uma sensação de revolta recalcada, escondida e dentro de nós à solta caminhando a passos largos na escuridão da nossa pele — uma perpétua prisão...

E aí vivemos, ali jazemos por de trás da pele nos escondemos como se fossem muros intransponíveis... aí sentimos os olhares invisíveis de quem passa lá fora, na rua e pensa que não sendo a minha pele igual à sua só por isso tem que haver desigualdade e há que afastar o negro da sociedade!

Claro que assim não é em todo o lado numas terras o problema será menos complicado noutras reveste-se da maior gravidade; o fenómeno tem, no entanto, a sua acuidade conquanto seja em escala variável Mas... o que é inegável e parece ser um facto incontroverso é que nascer-se negro é ter um destino adverso...

É e posso, talvez, demonstrá-lo É e não custa muito prová-lo! Querem ver, reflectir e observar?

Então deixem-me apontar um caso simples mas frequente como é o de certa gente que nos olha de soslaio, desconfiados ao ver-nos em certos locais sentados...

Por exemplo, vou ao cinema ver uma fita ao intervalo fumo, dou a minha voltita misturo-me com o público do balcão ou da plateia... é então que, não raro, me vem à ideia uma vontade de parar e gritar: — que estão vocês para mim a olhar nunca me viram, estão surpreendidos? por eu estar aqui, sentem-se ofendidos?

Isto, por vezes, respira-se, existe é verídico, lamentável e triste

é um caso que ponho à vossa consciência à daqueles que me olham com insistência não para mim, mas para a minha cor com um olhar frio, vazio de amor olhar de quem comigo não quer nada só porque tenho a pele de negro pintada!

E, francamente, vos digo: não aceito essa velada forma de despeito como quem mira e dispara contra o inimigo cuja cara não lhe agrada por ser diferente um rosto de preto, afinal gente com alma, vida, poesia e cultura com fé, virtude, amor e ternura!

Claro que há excepções, pois há e a situação do negro já foi pior, pois já! Mas se há excepções, temos que concordar que também há regras difíceis de suportar e daí resulta, no caso vertente que se o negro vive melhor isso não é suficiente há que banir esse baixos preconceitos de se ver no negro um somatório de defeitos!

E será defeito físico ou moral
será chaga, será lepra ou idêntico mal
o facto de um tipo ser negro retinto
(um branco não sente o que eu sinto?)
o preto e o branco não são feitos da mesma massa
tem o primeiro alguma culpa de ser dourada?
...O preto é feio, tem o nariz achatado...
e, só por isso, deve ser desprezado?

Conclusão: para não ser mais extenso,
dir-vos-ei, sinceramente, o que penso
acerca de tão magno problema:

— Acho que semelhante dilema
deve ser resolvido quanto antes
Como? — Banindo-se certos modos arrogantes
que não têm a mínima razão de ser
ou... será que o negro não tem o direito de viver?

Oh! Santo Deus, tanto branco é meu amigo
tantos brancos falam comigo
esquecidos de que eu sou de outra cor
e porquê outros me hão-de olhar com horror
com indiferença, frieza ou pedantismo
cavando entre nós um profundo abismo
tão profundo que, às vezes, me faz desejar
ser branco, para a esses me igualar...

Tudo serão complexos, serão manias?
Tudo o que confesso são apenas fantasias
criadas pela minha imaginação?

Será que, no fundo, não tenho razão?

Se assim for, então sou franco
não haverá motivo para desejar ser branco
continuarei preto, satisfeito com a minha sorte
preto toda a vida, preto até à morte!

NOMES

Isto de se chamar uma pessoa
Esta coisa de alguém voltar-se
quando — na rua — o seu nome soa;
Isso de alguém apanhar um susto
porque o chamaram, gritaram Augusto...
tem graça, faz-nos meditar.
De facto, porque me hei-de chamar
Frederico, em vez de Rafael
e tu Joaquina e não Isabel?

Nomes — João, António, porquê? — insisto;
se alguém disse: penso, portanto existo!

— Então, Nomes, por e para quê?

Ora, ora, é simples, bem se vê:

Porque nome quer dizer identidade,

é um sinal, uma qualidade

de matéria viva e racional

vivendo, a par, o bem e o mal

respondendo por Ivo ou Ernesto

desde que se nasce, em vida e no resto...

Mas — Santo Deus — há nomes tão esquisitos,
uns mais feios, outros mais bonitos.
Nomes de Florinda, Florbela, Flávia,

Otalinda, Otela, Octávia,

Estrela, Estela, Ester

enfim, diferentes nomes de mulher!

Mas o homem não fica atrás
seja ele velho ou seja rapaz
há que se lhe dar um nome, chamar

LOTAÇÃO ESGOTADA!!!

Não tenho lugá na praia
está cheia di genti!

Não tenho lugá na cidade
há gente di mais

Não tenho lugá no cinema
está esgotada a lotação

Não tenho lugá em ninhum lado
estou dislocado...

Na praia (quando é verão)
Na cidadi (em todas as estações)
No cinema (nas noites di estreia)

Ó coração
ó ilusões
qui ideia
tão infeliz
para dizer que no meu País
eu só terei lugá
quando soá
a hora di morré... di descansá!



MOS DE ACEITAR O HOMEM
L COMO ELE É... aceitemos, pois,
r exemplo, esta autobiografia de
tónio de Brito Oliveira e Cruz

em é? o que fez? o que faz?
de nasceu? é velho? já não é rapaz?
rico, solteiro ou casado?
pobre, viúvo ou divorciado?
então, alguém se compenetrar
o que é preciso esclarecer
cerca do «poeta» que vai aparecer!
quem é? eis, acima: o seu retrato
n tipo vulgar, de afável trato
nascido há 46 anos atrás
o é, portanto, nenhum rapaz...
que faz? nada de especial
ocura ser sempre igual
o seu carácter, não nas ideias
onsidera-se tipo de homem sem peias
ga-se desbarbaçado... descontraído
em resumo, um homem vivído!
que faz? faz de tudo um pouco
iz papéis de lúcido ou de louco
mas louco por ser um idealista)
ois não é um «moca» que desista
os seus projectos, das suas ambições
quanto aceite injustiças e decepções
ão sempre de braços caídos
ão! esse «moca» luta com os seus cinco sentidos
ontra um mundo cheio de inveja e de maldade
pesar de (repito) ter já 46 anos de idade!

LOTAÇÃO

Não tenho lugá na praia
está cheia di genti!

Não tenho lugá na cidad
há gente di mais

Não tenho lugá no ciner
está esgotada a lotação

Não tenho lugá em ninh
estou deslocado...

Na praia (quando é verão)
Na cidadi (em todas as estações)
No cinema (nas noites di estreia)

Ó coração
ó ilusões
qui ideia
tão infeliz
para dizer que no meu l
eu só terei lugá
quando soá
a hora di morré... di de

— onde nasceu? da raça mestiça, em Lisboa dizem que tem a alma branca... essa é boal e até aqui, ei-lo autobiografado sobre o seu presente e sobre o seu passado... ah! mas falta ainda responder que o cidadão em causa é pobre é plebeu... não descende de gente nobre é casado e ama (à sua maneira) a sua mulher com um amor diferente doutro qualquer... tem dois filhos: são maravilhosos tanto que os pais se sentem ditosos de os terem trazido ao mundo; em suma, um caso de amor fecundo cujo interesse, para vós, é relativo mas como, dentro do nosso objectivo este «curriculum», é para elucidar não parece mal, até aquele aspecto abordar... daí que nesta insólita autobiografia se diga em pretensioso estilo de poesia que o nosso homem é um bipede racional socialmente, não passa de um 1.º oficial na Companhia Nacional de Navegação é ou julga-se um honesto cidadão que sabe o que quer e para onde vai sabe que «da cepa torta não sai» mas escrevinha, pensa e luta sempre com fé e sem esmorecimento e... senhoras e senhores — de momento nada mais vale a pena dizer sobre o «poetazinho» que vai aparecer! quanto ao resto, veremos que efeito produz a poesia-floema do vosso antónio cruz!!!